



PRO MEMORIA

Eugénio Lisboa

Jorge de Sena  
Recurso à epístola

A publicação de póstumos de Jorge de Sena, não tem faltado, graças à valiosa vigilância, trabalho e empenho de Mécia de Sena, a contribuição de vários acervos mais ou menos substanciais da sua correspondência (13, ao todo, se não estou em erro, para não mencionar a publicação avulsa de cartas em jornais ou revistas, com este ou aquele pretexto). Em 1959, Sena ausentou-se, para sempre, de Portugal, passando a viver, primeiro, no Brasil, até 1965, e depois nos Estados Unidos. Ausente do lugar onde se encontrava a maior parte dos seus interlocutores naturais (amigos, colegas escritores, críticos), a epistolografia passou a ser o seu modo natural de comunicação. Numa carta a Sena, incluída no acervo de que trata esta crónica, João Gaspar Simões observa: “Como não nos vemos há muito, recorro à epístola (...)” No “exílio”, que se prolongou até à sua morte, Jorge de Sena recorreu abundante e quase freneticamente “à epístola”. Escreveu muito, frequentemente cartas longas e onde, não raro, se repetia, para destinos vários e para dar saída impetuosa às informações, desabafo, pedidos, vitupérios, fúrias que o consumiam. Essas cartas são, em muitos aspetos, uma mina de informação, para estudiosos, sobre o próprio e o seu mundo e sobre o *milieu* em que passou a viver: as terras, os homens, os hábitos, os vícios, as intrigas, a universidade, a cultura e a incultura...

Pode perguntar-se se a correspondência de Sena representa, para a sua obra, o que representam algumas correspondências justamente célebres, que, nalguns casos, até acrescentam algo - ou bastante - à obra dos que as produziram: as de Rousseau, Voltaire, Byron, Chateaubriand, Flaubert, Gide, Martin du Gard, Thomas Mann, George Bernard Shaw, Bertrand Russell, Padre António Vieira, Eça de Queirós... para só citar alguns. Estas são correspondências vitais, sem as quais a obra de criação dos seus autores alguma coisa perderia, não sendo vista, necessária e exatamente, da mesma maneira, em que pese aos oficiais do *new criticism*. São, em quase todos - ou todos - os casos citados, verdadeiros exercícios de criação literária, que algo acrescentam a uma obra dita de criação.

No caso de Flaubert ou Voltaire - e não só - quase se pode preferir - e há quem tenha preferido - a epistolografia ao resto (sendo o resto tão bom como é). Voltaire deixou para cima de 20 mil cartas. Numa volumosa e apetecida selecção de 906 espécies, Jacqueline Hellegouarc’h considera a correspondência do autor de *Candide* como “um dos monumentos mais imponentes da nossa literatura”, dando-lhe, pois, e com o nosso caloroso acordo, o merecido estatuto de criação literária e, para o caso, ao mais alto nível da espécie. De António Vieira ou de Eça, o mesmo ou quase o mesmo se poderia dizer: a epistolografia não desmerece da obra e até a aumenta.

Poderá dizer-se o mesmo da correspondência de Jorge de Sena, importante como é, para o estudo do homem e da obra? Claro que pode, em grande parte. Há, no vastíssimo acervo epistolográfico de Sena, cartas admiráveis, de densidade informativa, de vigor, de penetração crítica, de generosidade na entrega de si, de reflexão teórica, de observação fina e aturada; e há outras onde não tudo, mas certas passagens são claramente de antologia, a reter, para estudo e divulgação.

Mas há, por outro lado, momentos de mau feitio, de ressaca, de ressentimento agressivo, de ajuste de contas, de grande violência, que deixam mau travo na boca e desfeiam, de algum modo, o conjunto, que seria, de outro modo, inigualável. Estes momentos, que, infelizmente, abundam, não anulam o resto, mas, repito, deixam marcas feias na paisagem. Numa certa pas-

sagem, diz Voltaire: “Saboreei a vingança”, mas, logo a seguir, reconsidera: “A vingança fatiga a alma”. E, de facto, fatiga: a quem escreve e a quem lê. É claro que Sena tinha sérias razões de queixa - e quem as não tem? Mas há duas maneiras de reagir às vilanias, às invejas e até às pulhices: com elegância ou com espalhafato. Sena optou, não raro, pelo segundo modo.

Devo desde já dizer que nada disto está presente no magro acervo que é esta correspondência entre o autor de *Andanças do Demónio* e o autor de *Pântano*. Tendo cortado relações (ou arrefecido relações), muito cedo, com Simões, e tendo-as reatado já muito na fase final da sua vida, o que nos fica da troca de cartas destas duas importantes figuras da cena literária portuguesa é muito pouco. Mas, deste pouco - que é, contudo, bastante significativo - fez Filipe Delfim Santos (FDS) um livro, a todos os títulos, exemplar. É um modelo do que um livro de epistolografia deve ser: abundantes e bem investigadas notas de pé de página, textos dos autores, que enquadram a correspondência e melhor iluminam certas passagens dela, testemunhos, um elenco das resenhas do crítico *presencista* à obra de Sena, índice de outras edições das correspondências, indispensáveis cartas de Mécia de Sena a Simões, umas muito interessantes e esclarecedoras *Memórias dos Anos 40* em forma epistolar, de Mécia, um útil Índice Cronológico, um longo, perceptivo, bem fundamentado e inteligente “Estudo Introdutório”, da autoria de FDS, que é, de resto, também o responsável por toda a formatação e execução organizativa e, *last but not least*, um precioso Índice Onomástico.

É um autêntico festim a leitura de um livro assim concebido, tão rico de informação, de interpretação fina e de minucioso cuidado organizativo. Há, é claro, um ou outro ponto, em que podemos discordar de “opiniões” do organizador, o que em nada fere a esbelteza da organização do livro. Um só exemplo: na p. 30, FDS parece dar cobertura a um “cliché” muito em voga em manuais, histórias da literatura e até em doutos ensaios, quando considera a literatura da *presença* “uma literatura do eu e da introspeção”. Ora basta um folhear não muito exaustivo dessa mesma literatura, para verificar que ela é isso, mas é, simultaneamente, muitas mais coisas que não são isso. A literatura de Régio - para tomar nota, apenas, do maior representante do *presencismo* - em muito transcende as miúdas explorações do eu e os labirintos da introspeção.

Por outro lado, também não me parece muito correto dizer que a *presença* “fez do culto dos primeiros modernistas a sua bandeira”. A *presença* estudou, divulgou, valorizou ou promoveu, com abertura e generosidade, os valores (alguns) do primeiro modernismo, mas não os seguiu à letra, pelo contrário,

Cumplicidade literária

■ São já 30 os anos que Jorge Fazenda Lourenço vem dedicando ao estudo e divulgação da obra de Jorge de Sena, quer através de ensaio, quer na coordenação, com Mécia de Sena, das Obras Completas do escritor. O volume *Matéria Cúmplice*, uma edição da Guimarães que reúne cinco textos inéditos, assinala justamente essa data redonda e não por acaso foi distinguido com o Prémio Jorge de Sena, atribuído pelo Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.

No título, denunciador de uma relação entre estudioso e objeto de estudo, e no subtítulo (*Cinco Aberturas e um Prelúdio para Jorge de Sena*) encontramos as linhas de leitura deste livro, que o próprio professor da Universidade Católica se encarrega de sublinhar numa nota introdutória: “*Matéria Cúmplice* reúne um pequeno número de estudos que são como que aberturas para diversos aspetos da vida e da obra do poeta (a desenvolver, por mim ou por outros). O livro fecha com uma bibliografia, *Trinta Anos de Jorge de Sena: 1982-2012*, que tem um propósito informativo e comemorativo, dando a esta seleção de estudos uma forma circular,

significativa, uma vez que o seu prelúdio tem como tema a receção de Jorge de Sena.”

Diversos, mas encadeados, estes estudos começam por analisar a receção da obra de Jorge de Sena nos anos 40. Avançam depois para o fazer da voz poética ou a formação do escritor, analisando o romance *Sinais de Fogo* enquanto *bildungsroman*. Relacionado com este tema está o terceiro artigo, que se debruça sobre Jorge de Sena, Espanha e a sua Guerra Civil. O exílio e a diáspora são os temas dos dois últimos artigos, com especial enfoque nas representações de Portugal. ■



► Jorge Fazenda Lourenço  
MATÉRIA CÚMPLICE  
Guimarães, 152 pp, 14,90 euros

fez uma literatura e um percurso em tudo diferentes e independentes daqueles. Os *órficos* não queriam saber de psicologia, nem de Freud, nem de Dostoiévsky, nem do grande romance do século XIX, para coisa nenhuma. Pessoa não interessava Proust, nem queria saber de Tolstói nem de Bergson, fosse para que fosse. Não se pode medir os valores do primeiro modernismo com a mesma régua que se usa para medir os do segundo. “Comparar” - no sentido científico do termo - Álvaro de Campos ou Caeiro com o Régio das *Encruzilhadas* ou do *Jogo da Cabra Cega*, faz tanto sentido como pretender medir a distância da Terra à Lua com um calorímetro. E, no entanto, isso tem sido feito, obtusamente, para gáudio e aplauso da galeria. E continua a fazer-se, porque o erro tem a carapaça dura.

Quem ler Régio com a atenção e minúcia que ele merece - e que ele usou para comentar terceiros - cedo verificará que o autor de *Biografia* promoveu Pessoa, apesar das fundamentais diferenças que havia entre ambos e não por causa de alguma fundamental semelhança que entre eles existisse (e é até isso que torna admirável essa promoção e a compreensão que a motivou). Isso vê-se, aliás, desde 1925, por altura da celebrada tese de licenciatura apresentada à Universidade de Coimbra.

É um dos lugares comuns do anti-presencismo em vigor - com o fim de se desvalorizar o real serviço pela *presença* prestado ao *Orpheu* - proclamar que os *presencistas*, afinal, não tinham compreendido os *órficos*. A verdade é que tinham, mas a verdade é também que, mesmo admirando-os, o seu projeto de vida e de criação não incluía fazerem o mesmo que os outros tinham feito - no que estavam no seu realíssimo direito. Não se tratou de reação bonapartista, como sugeriu Eduardo Lourenço, mas simplesmente de definir o seu próprio território, como fazem os artistas autónomos que se prezam. De resto, Régio nunca escondeu as reservas que lhe merecia o poeta Pessoa e até o homem Pessoa - e não só ele, entre os do *Orpheu*. Nada que impedisse de valorizá-lo e promovê-lo, mas muito que o desviasse de segui-lo. E é assim que está bem. Pessoa também dizia admirar desmedidamente Junqueiro, mas tomou o cuidado meticuloso de não o prolongar... Valéry admirava Poe, mas fez o contrário do que Poe fez (não do que Poe disse que fez). E por aí fora.

Nada disto, repito, serve para desvalorizar o impecável trabalho de editor e intérprete desta correspondência, em boa hora vinda à luz e que pode ficar como modelo de como um livro destes se deve montar e apresentar. ■



► Filipe Delfim Santos (Org.)  
JORGE DE SENA/  
JOÃO GASPAR SIMÕES  
CORRESPONDÊNCIA  
(1943 - 1977)  
Guerra & Paz, 407 pp, 18 euros